



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

O mal e o niilismo no romance *Os demônios*, de Dostoiévski

Evil and nihilism in Dostoevsky's novel *"Demons"*

Autor: Luana Martins Golin

Edição: RUS Vol. 12. Nº 18

Data: Abril de 2021

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.181457>



O mal e o niilismo no romance *Os demônios*, de Dostoiévski

Luana Martins Golin*

Resumo: Os temas do mal e do niilismo são recorrentes na obra dostoiévskiana. Contudo, em *Os demônios* (1871), o próprio título e a epígrafe da obra já sugerem, de maneira mais explícita, o caráter do demoníaco nas ações das personagens. O suicídio, o assassinato, a violação, a morte, o caos, a censura, a falta de liberdade e a destruição são elementos presentes e atuantes na narrativa. Esse artigo buscou aproximar o olhar sobre as forças e o movimento do mal, cujo fim é a falta de sentido, o nada.

Abstract: The themes of evil and nihilism are constant in the work of Dostoevsky. However, in “Demons” (1871), the title and epigraph of the work already suggest, in a more explicit way, the character of the demonic in the actions of the characters. Suicide, murder, rape, death, chaos, censorship, lack of freedom, and destruction are elements present and active in the narrative. This article sought to bring a closer look at the forces and movement of evil, the end of which is nothingness.

Palavras chave: Dostoiévski; Mal; Niilismo; Os demônios; Morte
Keywords: Dostoevsky; Evil; Nihilism; “Demons”; Death

Introdução

* Teóloga, mestra e doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora da Faculdade de Teologia da UMESp. Professora do curso de pós-graduação em Religião e Cultura, do Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Pesquisa doutoral interdisciplinar nas áreas de religião e literatura em Dostoiévski. E-mail: luanamgolin@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1958-3966>

O mal é um tema recorrente na obra dostoiévskiana. Entretanto, em *Os demônios* ele aparece com muita intensidade por meio das ações das personagens principais. Dostoiévski percebeu com certa antecedência, à semelhança de um profeta, as sementes do ateísmo e do niilismo russo. O romance começa com duas epígrafes: uma de Aleksandr Púchkin e outra sobre os demônios que são lançados aos porcos, descrita numa passagem do Evangelho de Lucas. Este artigo buscou compreender a estrutura e a semelhança de *Os demônios* com a narrativa bíblica da epígrafe. Nesse sentido, o artigo foi dividido da seguinte forma:

1) A epígrafe e a origem de *Os demônios*: aqui, há a transcrição da epígrafe, do texto de Lucas 8.32-36. Em seguida, os motivos que levaram o escritor russo a compor o romance; a crítica atemporal presente na obra, na figura do “homem-deus”, proposta pelo suicida Kirílov.

2) Nihilismo: tema trabalhado a partir da autossuficiência humana, da liberdade ilimitada e do desejo de destruição da ordem vigente. É possível perceber um ponto em comum entre o niilismo e o pensamento apocalíptico, na expectativa de uma catástrofe iminente e necessária, cujo fim é a destruição. No caso apocalíptico, o caos seguido da ordem ou recomeço.

3) Os personagens demônios, Stiepan, Piotr e Stavróguin, sugerem uma espécie de “trindade maligna”. Assim, as ações demoníacas deles são destacadas.

4) O abismo: item dedicado ao trágico desfecho de *Os demônios*.

5) O mal parasitário: o filósofo Luigi Pareyson afirma que para Dostoiévski o mal é como um parasita, ou seja, precisa de alguém para existir, pois não tem existência própria. De certa forma, *Os demônios* mostram o movimento dos demônios parasitas, que espalham o terror cujo fim é o abismo do nada.

1. A epígrafe e a origem de *Os demônios*

Ora, andava ali, pastando no monte, uma grande manada de porcos; rogaram-lhe que lhes permitisse entrar naqueles porcos. E Jesus o permitiu. Tendo os demônios saído do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do lago, e se afogou. Os porquinhos, vendo o que acontecera, fugiram e foram anunciá-lo na cidade e pelos campos. Então, saiu o povo para ver o que se passara, e foram ter com Jesus. De fato, acharam o homem de quem saíram os demônios, vestido, em perfeito juízo, assentado aos pés de Jesus; e ficaram dominados de terror. E algumas pessoas que tinham presenciado os fatos contaram-lhes também como fora salvo o endemoninhado.¹

Esse trecho do Evangelho de Lucas pertence à epígrafe do romance, juntamente com outra citação de Púchkin.

O assassinato do estudante russo I. I. Ivanov, por membros de uma organização de esquerda radical, em 1869, foi o motivo que levou e inspirou Dostoiévski a escrever *Os demônios*. A organização secreta chamava-se *Justiça Sumária do Povo* e tinha como líder o S. G. Nietcháiev (1847-1882) que se encontrou com Bakúnin em Genebra e foi encarregado por ele de representar e divulgar suas ideias na Rússia. Nietcháiev organizou em Moscou vários círculos políticos e dirigiu a organização com despotismo, causou contendas entre os participantes, entrou em choque com Ivanov e, com a ajuda de mais quatro integrantes, executou o estudante que tinha resolvido se afastar da sociedade por divergências políticas. Nietcháiev serviu de inspiração para a criação do personagem Piotr Stiepánovitch Vierkhoviénski. O caso comoveu a Rússia e teve repercussões entre a intelectualidade local e europeia. Embora Dostoiévski estivesse envolvido com outros projetos literários, estes acontecimentos o interessavam, principalmente porque na sua juventude ele também foi membro participante de uma sociedade secreta, o círculo de Petrachévski.

¹ Evangelho de Lucas 8.32-36.

Bakunin conhecia muito bem Nietcháiev “em ação” e escreveu sobre ele em uma carta, datada de 24 de julho de 1870, dirigida a um outro amigo na Suíça:

(...) É igualmente verdade que N. é um dos homens mais ativos e cheios de energia que jamais conheci. Quando a questão é servir o que se chama a causa, ele não hesita; nada o detém e é tão impiedoso consigo quanto com os outros. Esta é a principal qualidade que me atraiu e me levou por um bom tempo a buscar uma aliança com ele. (...) Permite-se – ordena-se mesmo – enganar todos os outros, comprometê-los, roubá-los e mesmo, se necessário, eliminá-los – eles são pasto de conspiração. (...) Se você o apresenta a um amigo, sua primeira preocupação será semear a discórdia entre vocês dois com mexericos e intrigas – numa palavra, causar uma briga. Seu amigo tem uma mulher, uma filha, ele tentará seduzi-las, engravidá-las, para afastá-las da moralidade oficial e lançá-las a um protesto revolucionário forçado contra a sociedade. (...) O pobre N. é ainda tão ingênuo, tão infantil, apesar de sua *perversidade sistemática*. (...) Sua única desculpa é seu *fanatismo*! (...) Seu projeto último era nada menos do que formar um bando de ladrões e salteadores na Suíça, naturalmente com o objetivo de adquirir algum capital revolucionário. Eu o salvei, persuadindo-o a deixar a Suíça porque seria, com certeza, descoberto, ele e sua gangue, em algumas semanas; ele estaria perdido, e todos nós com ele. (...) ²

Frank afirma que: “não há uma única ação de Piotr Vierkhoviénski que Nietcháiev não tenha executado, ou que ele não teria executado se tivesse a chance”.³ Assim, a crítica que acusou Dostoiévski de calúnia premeditada e distorção da realidade não compreendeu adequadamente o romance.

Dostoiévski sabia que, ao escrever *Os demônios*, ele corria o risco de sacrificar a estética da obra em função de um romance “tendencioso”, no qual se posicionaria firmemente contra o ateísmo e o niilismo revolucionário. Contudo, mesmo sabendo dos riscos, ele resolveu apostar e escrever o romance. O enredo de *Os demônios* foi construído com a ajuda de anotações jornalísticas que Dostoiévski acumulou sobre o caso Ivanov.

² FRANK, 1992, p. 156-157. Grifo meu.

³ FRANK, 1992, p.158.

Em *Os demônios*, estão presentes “os elos que ligam passado, presente e futuro, permitindo que um acontecimento político local se deixe ler como uma visão retrospectiva e prospectiva da história da Rússia e de outros países”.⁴ A crítica não recebeu *Os demônios* com apreço. A esquerda russa classificou o romance como um panfleto antirrevolucionário, baseado em um caso isolado. Dostoiévski foi visto como um louco retrógrado. Paulo Bezerra afirma que:

Enquanto a crítica fica na superfície do fenômeno e não percebe seus movimentos internos, procura reduzir a dimensão do caso Nietcháiev a um único episódio sem antecedentes nem consequentes, Dostoiévski o vê em seu contraditório movimento interior e mostra em *Os Demônios* como idéias grandiosas e generosas, uma vez manipuladas por indivíduos sem consistência cultural nem princípios éticos, podem se transformar na sua negação imediata, assim como a utopia da liberdade, da igualdade e da felicidade do homem pode degenerar na sua negação, no horror, na morte, na destruição.⁵

A trama contém uma crítica contundente aos regimes revolucionários que seguem a lógica do poder ilimitado, da fidelidade amorosa à causa revolucionária, da autossuficiência humana e da negação de Deus. Nas palavras do personagem Kirílov, que deseja tornar-se divino por meio do suicídio, como uma deificação às avessas:

– A vida é dor, a vida é medo, e o homem é um infeliz. Hoje tudo é dor e medo. Hoje o homem ama a vida porque ama a dor e o medo (...) Hoje o homem ainda não é *aquele homem*. Haverá um *novo homem, feliz e ativo*. Aquele para quem for indiferente viver ou não viver será o novo homem. *Quem vencer a dor e o medo, esse mesmo será Deus. E o outro Deus não existirá.* (...) Então a história será dividida em duas partes: do gorila à destruição de Deus e da destruição de Deus... (...) Além disso não há liberdade; nisso está tudo, além disso não há nada. *Aquele que se atrever a matar-se será Deus*. Hoje qualquer um pode fazê-lo porque não haverá Deus nem haverá nada. Mas ninguém ainda o fez nenhuma vez. – Houve milhões de suicidas. – Mas nada com esse fim,

4 BEZERRA, 2004, p. 693.

5 BEZERRA, 2004, p. 694.

tudo com medo e não com esse fim. Não com o fim de matar o medo. *Aquele que se matar apenas para matar o medo imediatamente se tornará Deus.*⁶

Em outro momento, no diálogo abaixo, Kirillov apresenta a ideia da substituição do Deus-Homem, imagem de Cristo, para o homem-deus, imagem de um super-homem:

- Aquele que ensinar que todos são bons concluirá o mundo.
- Aquele que ensinou foi crucificado.
- Ele há de vir e seu nome é homem-Deus.
- Deus-homem?
- Homem-Deus, nisso está a diferença.⁷

Para Dostoiévski e a tradição ortodoxa oriental, a deificação do homem está em função da humanização de Deus. Deus/Cristo se humaniza para que o humano desfrute da natureza divina. Portanto, o Absoluto que se relativiza na Encarnação. Como Verbo e linguagem, Cristo encarna o diálogo entre a humanidade e Deus. Cristo é o símbolo do Deus-homem. A deificação como operação da graça divina é contrária ao processo de deificação que conduz ao niilismo, pois, neste segundo caso, Deus é negado e excluído. No lugar de Deus surge o ser humano e, no lugar da graça, a falta de sentido.

Esta atitude de oposição e substituição, como uma autodivinização ou homem-deus, revela um pensamento anticristão e demoníaco, cujo fim é a destruição, a não existência, tal como o fim dos porcos que caíram no abismo do despenhadeiro, lago abaixo. A vontade de autodivinização é uma vontade de autodestruição, num processo de “nadificação”.

Dostoiévski percebeu o perigo que é tornar-se homem-deus. Nesse sentido, ele se contrapôs à perspectiva do radicalismo revolucionário russo. Na obra “Deus e o Estado”, de Bakunin⁸

6 DOSTOIÉVSKI, 2004. p. 120-121. Grifo meu.

7 DOSTOIÉVSKI, 2004. p.239. “As ideias de Kirillov remontam ao ciclo de Petrachévski, particularmente às discussões ali travadas em torno das concepções de L. Feuerbach sobre religião. (...) Petrachévski considerava que os deuses são apenas uma forma superior do pensamento humano e que o único ser efetivamente supremo é *o homem na natureza*. Spechniev fazia coro com Feuerbach, proclamando uma nova religião na qual *Homo homini deus est*, um antropoteísmo no qual o Deus-homem está substituído pelo homem-deus” (Cf. DOSTOIÉVSKI, 2004, N. do T. nº 33, p. 239).

8 BAKUNIN, 2011.

temos uma crítica à religião e à existência de um ser transcendente denominado “deus”. A fé em alguma divindade é uma fantasia crédula do ser humano, uma alucinação ou miragem. Partindo da filosofia de Feuerbach,⁹ Deus seria uma imagem humana divinizada. O ser humano projeta uma imagem exagerada, ampliada e desmedida de seus próprios desejos, cria um deus (deuses) e se prostra diante da própria criação, num processo idolátrico. Em outras palavras, a fé e a religião se tornam formas de alienação, pois projetam os conceitos do ideal humano em um ser supremo/divino. A divindade é um fantasma criado pela mente humana. Essa alienação, para Bakunin, é a causa do empobrecimento, da *escravização* e do aniquilamento da humanidade. Para ele, a religião embrutece, corrompe os povos e reduz à imbecilidade e à escravidão. Deus é um nome genérico e as religiões são cruéis e fundadas em sangue. Nessa relação humana-divina, Deus é senhor, e o ser-humano, escravo. Escravo de Deus, da Igreja e do Estado. Para o revolucionário, os metafísicos e idealistas religiosos *negam a liberdade humana*, pois admitem a existência de Deus. Assim, não pode haver concessão, nem ao deus da teologia e nem ao deus da metafísica. Crer é renunciar à liberdade e à própria humanidade. Portanto, o ser humano não só pode como deve ser livre, por isso Deus não existe! “Se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo”, disse Voltaire. Bakunin inverte a frase de Voltaire ao afirmar “Se Deus existisse seria preciso aboli-lo”, em nome da liberdade!

Outro importante radical russo com quem Dostoiévski dialogou e se contrapôs, foi o autor de *O que fazer?*, Nikolai Tchernichévski:

(...) É apenas à luz de uma compreensão correta da utopia de Tchernichévski que podemos realmente fazer justiça ao ponto de vista de Dostoiévski. Esta utopia, não devemos esquecer, não consistia apenas em aplicar a ‘razão’ para solucionar os problemas sociais, ela também envolvia precisamente aquela *deificação* do mundo material que Dostoiévski já havia rejeitado.¹⁰

9 FEUERBACH, 2007. Um importante intérprete da obra de Feuerbach no Brasil, no âmbito da religião, foi Rubem Alves, principalmente nas seguintes obras: “O que é religião?” e “O suspiro dos oprimidos” (1999).

10 FRANK, 1992, p. 214. Grifo meu.

O niilismo aparece no lugar da religião destruída. O espírito maligno niilista refuta a fé no transcendente e a transpõe para a dimensão humana. Aquilo que para os revolucionários é uma virtude e uma necessidade, para Dostoiévski é o próprio mal em ação, o símbolo do demoníaco.

2. O niilismo

O niilismo em Dostoiévski é um problema antropológico e teológico. A substituição de Deus pelo indivíduo leva à decomposição humana. O caminho em que o ser humano tenta tornar-se Deus é fatal à liberdade e destrutivo à própria natureza. Essa afirmação, na visão de Luiz Felipe Pondé, é uma das teses fundamentais do escritor russo:

A ideia da crença em si mesmo, a ideia de que o ser humano deve ser um objeto de adoração, é exatamente aquilo que Dostoiévski chama de *teofagia* – destruição da imagem de Deus –, o que faz o niilista achando que vai colocar o ser humano em seu lugar (...) [Porém], na medida em que o ser humano perde o referencial vertical [Deus], ele se desfaz, se dissolve. Então não sobra ser humano para ficar no lugar de Deus; o que sobra é o espetáculo do niilismo, o espetáculo da dissolução da condição humana.¹¹

O romance *Os demônios* revela que a liberdade ilimitada, niilista, conduz à anulação do próprio ser humano. O que os personagens demônios fazem é tentar destruir qualquer princípio, querem destruir o Estado, a religião e seus símbolos, a família, a moral etc. No catecismo dos personagens demoníacos, o objetivo é a destruição geral e total. Qualquer rastro de esperança precisa ser extinto. No mundo dos demônios, Deus não pode habitar. Lá, as pessoas se fizeram deus(es). O assassinato se torna legítimo, justificado e exigido. O demoníaco é manifesto nas ações das personagens, como uma força poderosa destruidora:

11 PONDÉ, 2003, p. 178-179.

(...) Um panfleto de cinco ou seis linhas dirigidas a toda a Rússia, sem quê nem para quê: “Fechem depressa as igrejas, *destruam Deus*, violem os matrimônios, eliminem o direito de herança, peguem seus facões” e só, e o *diabo* sabe o que mais.¹²

Para Nikolai Berdiáiev, *o niilismo possui um caráter escatológico* na medida em que não pode admitir o mundo atual com seus sofrimentos e deseja o fim deste mundo mal e perverso, *sua destruição*, e o advento de um mundo melhor.¹³ Assim, Dostoiévski ironiza os modelos sociais e utópicos que buscam a igualdade, mas que na realidade promovem a escravidão, a violência, o assassinato, o suicídio, o terror, o medo, a arrogância, o orgulho, a violação, a intolerância, o nada, a autoafirmação humana, a revolta espiritual e o ateísmo. Todos esses temas são problematizados no romance. *Os demônios* espelha, de certa forma, uma aproximação com o pensamento apocalíptico, na expectativa de uma catástrofe iminente. Há uma relação entre o Apocalipse, o niilismo e a revolução,¹⁴ com o desejo de se alterar a ordem existente estabelecida. A diferença é que para o niilista, Deus não se faz presente no processo, pelo contrário, precisa ser extinto. Já para o pensamento apocalíptico, Deus é o agente transformador que dá vida e forma a uma nova existência ou realidade. Assim, faz ressurgir a ordem a partir do caos.

É importante saber o que Dostoiévski chama de niilismo em *Os demônios*: o positivismo científico revolucionário e o desejo de autodivinização que deu à luz ao demoníaco.

3. Os personagens demônios

Em Apocalipse 13.11, lê-se: “Vi ainda outra *besta* emergir da terra; possuía dois *chifres*, parecendo cordeiro, mas falava como dragão” (Grifo meu). Esse versículo foi destacado por

¹² DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 269. Grifo meu.

¹³ Cf. BERDIAEFF, 1953, p. 88-98. Grifo meu

¹⁴ Cf. LAUTH, 2014, p. 323-334.

Dostoiévski em seu Novo Testamento, acrescido da palavra *social* à margem. Geir Kjetsaa associou os personagens demônios à imagem da besta do apocalipse.¹⁵ Essa associação não é sem sentido, e o pesquisador norueguês faz uma análise muito perspicaz. A palavra russa para *chifre* é *por* (rog) e está presente na formação do nome de Strav[rog]uin, a besta ou demônio principal do romance.

Se em *O idiota*¹⁶ Dostoiévski cria o príncipe Míchkin, cuja presença de Deus e do sagrado é manifestada claramente em suas ações, iluminando os demais personagens, em *Os demônios*, ocorre um movimento contrário, rumo à destruição e à morte. René Girard chamou esse movimento de *transcendência desviada*:

(...) Todos os heróis obedecem a um mesmo chamado em direção ao nada e à morte. A *transcendência desviada* é uma descida vertiginosa, um *mergulho* cego nas *trevas*. Ela tem por ponto de chegada a monstruosidade de Stavróguin, o orgulho infernal de todos os Demônios.¹⁷

Stavróguin, carrega em seu nome a palavra grega cruz (σταυρός – stavrós). A associação com O Crucificado se dá num jogo de oposição e negação. Stavróguin é um anticristo. O romance *Os demônios* apresenta uma trindade maligna e demoníaca formada pelos seguintes personagens principais: Stiepan Trofímovitch Vierkhoviénski, o Pai; Piotr Stiepánovitch Vierkhoviénski, o Filho, e Nikolai Stavróguin. Este último, cheio de beleza e força, é o chefe deles: “– Stavróguin, você é *belo*! – bradou Piotr Stiepánovitch quase em êxtase. (...) Não conheço ninguém assim a não ser você. Você é o *chefe*, o *sol*, e eu sou seu *verme*”.¹⁸ A beleza de Stavróguin se associa a uma beleza luciferiana, como alguém que se disfarça de luz, como um *sol*, mas que, efetivamente, irradia trevas. Essa personagem é um contraponto ao príncipe idiota. As sucessivas ações de Míchkin, promotoras de *amor* e *compaixão*, se contrastam e

15 Cf. KJETSAA, 1984, p. 13-17. Tradução minha.

16 DOSTOIÉVSKI, 2002.

17 GIRARD, 2009. p. 320-21. Grifo meu.

18 DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 408. Grifo meu.

se opõem às sucessivas *ações malignas* de Stavróguin: quebrar o nariz alheio; beijar publicamente uma mulher casada; morder a orelha de um senhor que gemeu de dor até perder o fôlego e ter um ataque; matar um homem em um duelo; desonrar uma mulher coxa e aleijada, como uma *violação da inocência*; suicidar-se... O romance não suaviza o sangue-frio de Stavróguin, para ele era possível: "(...) matar com uma tranquilidade que chegava a *bestial*. (...) se alguém lhe batesse na face ele não o desafiaria para um duelo mas mataria ali mesmo o ofensor; era justamente desse tipo".¹⁹ Ele parecia uma figura de cera, sem alma, imóvel, congelante, a ponto de assustar a própria mãe. Nele habitava o espírito de negação e dissolução da personalidade. Todo contato com ele é destrutivo, como uma força negativa que causa a aniquilação dos outros e de si.

O capítulo cinco do romance, intitulado "A sapientíssima Serpente", faz uma alusão direta e intertextual ao imaginário bíblico demoníaco. Outro detalhe presente no romance é que tanto Stavróguin quanto Piotr estiveram na Suíça e retornaram a Petersburgo, onde as ações se desenvolvem, assim como em *O idiota* e as ações do príncipe Míchkin. O *topos*²⁰ é igual nos dois romances. Palavras como *diabo*, *demônios* e *bestial* são utilizadas com frequência no texto. Outros dois capítulos são intitulados como *noite*, numa relação com a escuridão e as trevas.

Os demônios querem propagar o aspecto nocivo da religião, a supressão de todas as crenças, a substituição da religião pela ciência, da justiça de Deus pela justiça do homem. Se em *O Idiota* Míchkin é a imagem do Deus-Homem, em *Os demônios*, há a representação do homem-deus. No primeiro, a humildade e o esvaziamento são símbolos de sua prática. No segundo, reinam o poder, a força e o constrangimento. Míchkin trás consigo a presença de Deus, de uma humanidade transfigurada, símbolo de um Novo Ser e um novo Adão, como Cristo. Já os demônios querem exatamente a substituição de Deus. Dostoiévski, como um profeta, anteviu a antiga tentação do orgulho humano, ampliada e quase irresistível na modernidade.

¹⁹ DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 206. Grifo meu.

²⁰ BAKHTIN, 2012, pp. 211-362.

Os personagens demônios parecem escancarar e praticar alguns pecados descritos, por exemplo, nos *Relatos de um peregrino russo*.²¹ 1) Não amar a Deus; 2) Odiar ao próximo; 3) Não crer no Verbo de Deus e na imortalidade; 4) Ser orgulhoso e ambicioso. Neste sentido, o mal cria raízes e ganha força no romance.

Chigalióv é outro personagem importante no romance, cuja descrição já sugere um aspecto demoníaco: rosto sombrio, carrancudo e soturno, olhar de quem parecia esperar a destruição do mundo, orelhas de tamanho antinatural, longas, largas, grossas e afastadas da cabeça, tinha os movimentos desajeitados e lentos. Ele escreve acerca de um sistema no qual acredita conter as bases para uma sociedade do futuro. Piotr Stiepánovitch aceita a ideia/regime de Chigalióv e luta pela sua implantação e concretização. Abaixo há a descrição do que seria este sistema, o chigaliovismo:

(...) Um décimo ganha liberdade de indivíduo e o direito ilimitado sobre os outros nove décimos. Estes devem perder a personalidade e transformar-se numa *espécie de manada* e, numa *submissão ilimitada*, atingir uma série de transformações da inocência primitiva (...) As medidas que o autor propõe para privar de vontade os nove décimos dos homens e transformá-los em *manada* através da reeducação de gerações inteiras são excelentes, baseiam-se em *dados naturais* e são muito *lógicas*.²²

O sistema de Chigalióv sugere a divisão dos homens em duas partes desiguais, ou seja, quer transformar os nove décimos em escravos despersonalizados, em manadas dominadas por uma minoria. Tal sistema caminha em direção a um despotismo ilimitado. O fim dessa manada e daquela descrita no Evangelho de Lucas segue rumo a um único destino: ao abismo, ao precipício:

Chigalióv é um homem genial! (...) Ele inventou a “igualdade”! (...) No esquema dele *cada membro da sociedade vigia o outro e é obrigado a delatar*. Cada um pertence a todos, e todos a cada um. *Todos são escravos e iguais na escravidão*.

21 *O PEREGRINO russo: três relatos inéditos*, 1986, pp. 35-40.

22 DOSTOIÉVSKI, 2004, pp. 392-394. Grifo meu.

Nos casos extremos recorre-se à *calúnia* e ao *assassinato*, mas o principal é a *igualdade*. A primeira coisa que fazem é rebaixar o nível da educação, das ciências e dos talentos. (...) Os talentos superiores sempre trouxeram mais depravação do que utilidade; eles serão *expulsos ou executados*. A um Cícero corta-se a língua, a um Copérnico furam-se os olhos, um Shakespeare mata-se a pedradas – eis o chigaliovismo.²³

Dostoiévski sugere que a implantação de um sistema como o de Chigalióv, onde reinaria a igualdade, por meio de métodos racionais, lógicos e científicos - conduzirá, inevitavelmente, à destruição demoníaca. A ação dos personagens demônios é novamente associada aos porcos:

(...) Bebiam até perder os sentidos, dançavam desatinadamente, *emporcalharam* os cômodos, e só com o amanhecer do dia uma parte desse bando, totalmente bêbada, conseguiu chegar aos escombros do incêndio para cometer novas desordens...²⁴

Em *Os demônios*, pode-se perceber o movimento demoníaco e classificá-los em dois grupos: 1) Demônio assassino e 2) Demônio suicida.²⁵ O primeiro grupo, cuja especialidade é a destruição do outro tem como símbolo Piotr. Em outros romances dostoiévskianos, o Grande Inquisidor e o assassino Raskólnikov cumprem o mesmo papel. Já o segundo grupo, o suicida, tem como símbolo Kiríllov e Stavróguin, porém, esse demônio é autoaniquilante. O primeiro grupo destrói o *outro*; o segundo, a *si mesmo*.

Chátov é quem fere a causa e se levanta contra o domínio de Piotr e dos demais integrantes da sociedade secreta, por isso é assassinado:

(...) com os *diabos*, que se dane!... Agora tente algum dos senhores dar o fora! Nenhum tem o direito de abandonar a causa! (...) não têm o direito de trair a causa comum por uma palavra de honra! Assim agem os *porcos* e os subornados pelo governo!²⁶

Chátov levou um tiro a queima roupa. Amarraram pedras

23 DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 407. Grifo meu.

24 DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 501. Grifo meu.

25 Essa classificação está de acordo com o seguinte artigo: PEREIRA, 2008, pp. 155-174.

26 DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 582. Grifo meu.

para que seu corpo afundasse ao ser jogado em um lago. Os demônios do evangelho de Lucas precipitam a manada dos porcos no lago. Aqui Chátov é lançado ao lago. A imagem do *lago* é corrente no romance.

Querem incriminar Kirílov por meio de uma carta escrita na qual se responsabiliza pelo assassinato antes de se suicidar, com um tiro na própria cabeça. Aparentemente, um plano perfeito acima de qualquer suspeita.

4. O abismo

O romance caminha para seu fim, juntamente com uma série de mortes violentas. Aqui a cena da leitura do evangelho feita por Stiepan merece atenção. Fazia pelo menos trinta anos que ele não lia o Evangelho. Rememorava há sete anos por causa do livro *Vie de Jésus*, de Ernst Renan (1823-1892). Novamente uma mulher, Sófia Matvêievna, como a Sônia de *Crime e Castigo*, é quem leu os Evangelhos com ele. Primeiro leram o Sermão da Montanha. Em seguida, abriram aleatoriamente o Novo Testamento, que caiu em Apocalipse, no trecho da carta à igreja de *Laodiceia*:

Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca; pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu.²⁷

Esse trecho está destacado no Novo Testamento de Dostoiévski. A mornidão ou apostasia de Stiepan é revelada na leitura do livro. Stiepan ainda deseja ler o trecho que fala dos porcos:

– Leia-me agora mais uma passagem... a que fala dos porcos. (...) – De quê? – Sófia Matvêievna levou um tremendo susto. (...) – Estou lembrado, os demônios entraram nos porcos e todos se afogaram. Leia essa passagem, faço questão; depois lhe digo para quê. (...) Preciso dela ao pé da letra. Só-

27 Apocalipse 3.15-17.

fia Matvêievna conhecia bem o Evangelho e imediatamente encontrou em Lucas a passagem que coloquei como epígrafe da minha crônica. Vou repeti-la: “Ora, andava ali, pastando no monte, uma grande manada de porcos; rogaram-lhe que lhes permitisse entrar naqueles porcos. E Jesus o permitiu. Tendo os demônios saído do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do lago, e se afogou. Os porqueiros, vendo o que acontecera, fugiram e foram anunciá-lo na cidade e pelos campos. Então, saiu o povo para ver o que se passara, e foram ter com Jesus. De fato, acharam o homem de quem saíram os demônios, vestido, em perfeito juízo, assentado aos pés de Jesus; e ficaram dominados de terror. E algumas pessoas que tinham presenciado os fatos contaram-lhes também como fora salvo o endemoniado”.²⁸

Imediatamente à leitura, o senhor Stiepan dá a sua interpretação:

(...) isso é tal qual o que acontece na nossa Rússia. Esses demônios, que saem de um doente e entram nos porcos, são todas as chagas, todos os miasmas, toda a imundície, todos os demônios e demoniozinhos que se acumularam na nossa Rússia grande, doente e querida para todo o sempre. (...) Mas a grande idéia e a grande vontade descerão do alto como desceram sobre aquele louco endemoniado e sairão todos esses demônios, toda a imundície, toda a nojeira que apodreceu na superfície... e eles mesmos hão de pedir para entrar nos porcos. Aliás, até já entraram, é possível! *Somos nós, nós e aqueles*, e também Pietrucha... (...) e é possível que eu seja o primeiro, que esteja à frente, e nós nos lançaremos, loucos e endemoniados, de um rochedo no mar e todos nos afogaremos, pois para lá é que segue o nosso caminho, porque é só para isso que servimos. Mas o doente [o endemoniado, a Rússia] haverá de curar-se e “se assentará aos pés de Jesus” ... E todos ficarão a contemplar estupefados... (...) Mas agora isso me inquieta muito. (...) Ao amanhecer Stiepan Trofímovitch voltou a si (...).Ele quis olhar pela janela: “*Tiens, um lac* [Vejam, um lago] – pronunciou ele –, ah, meu Deus, ah, meu Deus, eu ainda não o tinha visto...”.²⁹

A Rússia, como o endemoninhado, será restabelecida. Os de-

28 DOSTOIÉVSKI, 2004, p.632.

29 DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 633.

mônios que a atormentavam serão destruídos e ela se assentará aos pés de Jesus, deixando a todos perplexos. Mais uma vez aparece a imagem de um lago.

Stiepan recebe a extrema unção do padre e morre. Stavróguin se enforca, cometendo o segundo suicídio do romance. O primeiro fora o de Kirílov. O motivo do suicídio de Stavróguin não é o desejo de tornar-se um homem-deus, mas uma absoluta melancolia, tédio e falta de sentido. Talvez ele seja o mais vazio e niilista de todos os “demônios”.

Como apêndice do livro, segue o trecho da confissão de Stavróguin. Ele confessa ao bispo Tíkhon que sofria durante as noites com alucinações, que sentia ao seu lado a presença de uma criatura malévola e zombeteira. Aqui, a personagem e o demônio se confundem. Também confessa que violentou a jovem Matriócha, que depois se enforcou por culpa. Antes do suicídio, a jovem adoeceu e começou a delirar dizendo que matou Deus. Stavróguin busca um alívio na sua confissão, mas falta-lhe a fé e o arrependimento para se perdoar: “(...) Se não se envergonha de confessar o crime, por que se envergonharia do arrependimento?”,³⁰ pergunta-lhe o monge. Sabiamente, o bispo diz a ele acerca da descrença: “– O ateísmo completo está no penúltimo degrau da fé mais perfeita (se subirá esse degrau já é outra história), já o indiferente não tem fé nenhuma”.³¹ Mais uma vez é citada a referência ao texto do Apocalipse, aquela mesma lida por Stiepan. Tíkhon olhou Stavróguin com firmeza e lhe disse: “– Impressionou-o que o Cordeiro goste mais do frio do que apenas morno – disse ele –, o senhor não quer ser *apenas morno*. Pressinto que está em luta com uma intenção extraordinária, talvez terrível”.³²

Stavróguin acredita ser o seu pecado imperdoável e cita para Tíkhon a passagem referente a Lucas 17.2: “Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos”. Porque ele fez tamanha maldade ao violentar uma jovem

30 DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 680.

31 DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 662.

32 DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 663.

criança, acredita não ser digno de perdão. Tíkhon diz a ele que Cristo o perdoará, se ele também se perdoar. Mas Stavróguin não quer perdão, é orgulhoso e obstinado. O religioso percebeu em seu confessante um desejo arrogante de martírio e autosacrifício e a ele recomendou: "(...) Desista desses folhetos e de sua intenção e assim vencerá tudo. *Desvele seu orgulho e seu demônio!* Acabará triunfando, atingirá a liberdade..."³³ O diálogo final entre os dois é impactante:

– O que o senhor tem? O que o senhor tem? – repetia Stavróguin, precipitando-se para ele com o fim de segurá-lo. Parecia-lhe que o outro ia cair. – *Estou vendo... estou vendo como se vê na realidade* – exclamou Tíkhon com uma voz que penetrava a alma e a expressão da mais *intensa tristeza* – que o senhor, pobre e perdido jovem, nunca esteve tão próximo *do mais horrível crime* como neste momento!³⁴

O velho monge conseguiu penetrar a alma do demônio Stavróguin. É claro que ele não aceitou o conselho do sábio. Então, xingou o bispo de maldito psicólogo e saiu da cela sem olhar para trás, num acesso de fúria.

5. O mal parasitário

Luigi Pareyson afirma que o mal para Dostoiévski é como um parasita, precisa de alguém para existir e se proliferar, pois não subsiste sozinho. Em categorias filosóficas, o pesquisador italiano explica o complexo movimento da negação, da existência do mal e do ateísmo:

Ontologicamente, o mal é *nada, não ser, inexistência*: para existir necessita de um sustentáculo ontológico, necessita apoiar-se num ser. Este não pode ser o absoluto, que o exclui como inexistente; este ser será, portanto, o ser finito, que lhe empresta a sua realidade. Somente ali ele pode sediar-se e exercer a sua *ação negativa*. (...) O mal (...) se torna real e existente, quando toma de empréstimo o ser do ser finito. Por certo, trata-se de uma *existência parasitária*, adventícia

33 DOSTOIÉVSKI, 2004, p 686.

34 DOSTOIÉVSKI, 2004, p 687. Grifo meu.

[que vem de fora], não originária: não sem motivo, o diabo, com quem Ivan fala, é muitas vezes definido como um 'parasita'. (...) Dentro do ser finito, *o mal opera como um princípio de negação, de alteração, de deformação, de separação: ele se torna uma doença do ser, que leva à destruição e à morte.* (...) exercita a sua negação refutando a presença do absoluto no finito. Como encontrou, no ser finito, o sustentáculo ontológico, sem o qual ele era nada, agora tenta monopolizar o ser finito, *subtrai-lo da sua subordinação ao absoluto, negar nele a presença do infinito*, cortar a raiz vivificante que o mantém ligado ao ser. [Assim] (...) *O mal produz o ateísmo*, no sentido de que o mal é negação e refutação da presença do absoluto no finito, isto é, *destruição da ideia de Deus*; por sua vez, *o ateísmo produz o mal porque substitui o finito ao absoluto* e, portanto, destrói a moral e toda lei, no sentido de que, se Deus não existe e *se o próprio homem é Deus, então "tudo é permitido"*.³⁵

Quando o ser humano deseja ser Deus, entra nele o parasita da decomposição. O homem torna-se, então, a morada do mal, que tende a arrastá-lo numa corrida irremediável para a destruição e o abismo. *Os demônios* é um exemplo disso.

Considerações finais

O mal habita o universo de *Os demônios*. A destruição anunciada nas páginas do romance é trágica e niilista. Para os personagens demônios não há redenção. Eles escolheram e promoveram o caos, a morte e o nada. Os personagens são como os demônios que foram habitar os porcos para serem lançados no despenhadeiro. O endemoninhado, que antes portava em seu corpo os demônios, foi liberto e recebeu uma nova existência. O mal que antes o parasitava, agora o deixou. De escravo ele passou a ser um homem livre. Para o endemoninhado, símbolo da Rússia, houve salvação. O mal dominou e possuiu o endemoninhado, mas não o venceu. A crítica presente em *Os demônios* não é apenas historicamente pautada, mas vai além dos limites do momento em que o romance foi escrito (1871)

35 PAREYSON, 2012, pp. 80-81. Grifo meu.

e ainda é muito atual. O mal flerta constantemente com a sociedade moderna. Como um parasita está sempre à espreita, buscando a quem possuir.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. "Formas de tempo e de cronotopo no Romance (ensaios de poética histórica)". In: *Questões de Literatura e Estética (A Teoria do Romance)*. Equipe de tradução (do russo): Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 6ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BERDIAEFF, Nicolas. *El cristianismo y el problema del comunismo*. Tradução de María de Cardona. 7ª ed. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1953. Colección Austral.

BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. Introdução de Alex Buzeli Bonomo. São Paulo, Hedra: 2011.

BEZERRA, Paulo. Posfácio: "Um romance profecia". In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios*. Tradução de Paulo Bezerra e ilustrações de Claudio Mubarac. São Paulo: Editora 34, 2004.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. Edição revista e atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota*. Tradução de Paulo Bezerra e ilustrações de Oswaldo Goeldi. São Paulo: Editora 34, 2002. Coleção Leste. D

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios*. Tradução de Paulo Bezerra e ilustrações de Claudio Mubarac. São Paulo: Editora 34, 2004.

FRANK, Joseph. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: Edusp, 1992.

GIRARD, René. *Mentira romântica e verdade romanesca*. São Paulo: É Realizações, 2009.

KJETSAA, Geir. *Dostoevsky and His New Testament*. Oslo: Solum Forlag, 1984.

LAUTH, Reinhard. "La revolución nihilista". In: *'He visto la verdad' La filosofía de Dostoiévski en una exposición sistemática*. Sevilla: Thémata, 2014.

O PEREGRINO russo: três relatos inéditos. Tradução de M. Cecília de M. Duprat. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

PAREYSON, Luigi. *Dostoiévski: filosofia, tomance e experiência religiosa*. Tradução de Maria Helena Nery Garcez, Sylvia Mendes Carneiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2012.

PEREIRA, Ana Carolina Huguenin. "O demônio moderno". In: *Dostoiévski – Caderno de literatura e cultura russa. n° 2*. Organizadores: Arlete Cavaliere, Bruno Gomide, Elena Vássina e Noé Silva. Departamento de Letras Orientais (DLO) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: Editora 34, 2003.

Obras Consultadas

ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, 2009.

ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulus, 1999.

BAKUNIN, Mikhail. *Catecismo revolucionário*. Organização e Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2009.

BERDIAEFF, Nicolai. *O espírito de Dostoiévski*. Tradução de Otto Schneider. Rio de Janeiro: Panamericana, 1921.

CABRAL, Jimmy Sudário. *Dostoiévski – Consciência trágica e crítica teológica da modernidade – subterrâneo, tragédia e negatividade teológica*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-

-Rio. Rio de Janeiro, 2012.

DOSTOEVSKY STUDIES – The Journal of the International Dostoevsky Society. Managing Editor: Horst-Jürgen Gerigk; Special Issue. *Dostoevsky and Christianity*. Guest Editor: Susan McReynolds. New Series. Volume 13, 2009.

EVDOKIMOV, Paul. *O silêncio amoroso de Deus*. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida: Editora Santuário, 2007.

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes.

FORTE, Bruno. *A porta da beleza: por uma estética teológica*. Tradução de Afonso Paschotte. Aparecida: Idéias e Letras, 2006.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: os anos milagrosos - 1865-1871*. Tradução de Geraldo Gerson e Souza. São Paulo: Edusp, 2003.

GUARDINI, Romano. *O mundo religioso de Dostoiévski*. Lisboa: Editorial Verbo, 1973.

GOLIN, Luana Martins. *O reino de Cristo e o reino do Anticristo: liberdade e autoridade em Dostoiévski*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

GOLIN, Luana Martins. *O Evangelho segundo Dostoiévski: uma abordagem intertextual da imagem de Cristo no romance O Idiota*. São Paulo: Terceira Via, 2015.

GOMIDE, Bruno Barretto (org). *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. Tradução de Cecília Rosas e outros. São Paulo: Editora 34, 2017. 2ª. Edição.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: ensaio de crítica do cristianismo*. Tradução de Antonio Carlos Braga. 2ª ed. São Paulo: Escala, 2008.

STEINER, George. *Tolstói ou Dostoiévski: um ensaio sobre o velho criticismo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Recebido em: 29/01/2021

Aceito em: 11/03/2021

Publicado em abril de 2021